

# TRÊS ESTRATOS

Alex da Rosa<sup>1</sup>

Pergunto: é possível um agenciamento de coletividades que não recorra a um princípio unificador? Para explicar essa pergunta, organizei-a em três estratos, esses agenciamentos de linhas diversas que se entrecruzam como num novelo e sobrepõem-se formando nichos.<sup>2</sup> Para facilitar as coisas podemos denominá-los como estrato Kantiniano, estrato Nietzscheano e estrato Cínico.

No estrato Kantiniano, temos o imperativo categórico como guia das condutas. São dois aspectos conexos: uma grade de valores vinculados a ideia de razão. Orientação das condutas (do indivíduo por si) por meio da vinculação à verdade; só que aqui a ideia de verdade ainda está vinculada a um conceito de razão. Até um tanto tautológico, é direto: fazei o certo pois o certo o é. Agir fora da grade valorativa, do rol de comportamentos, é desrazão. Se fossemos falar como Parmênides, o ser é, e o não ser não é. Na lógica Kantiana, a razão funciona como máxima vincula a ética.

O próprio Kant já levanta a questão, comenta Foucault. Como poderíamos pensar por nós mesmos, sair do estado de menoridade? Pela liberdade do uso público da razão e da coragem em exercitá-la. Foucault retoma esse texto na sua primeira aula do curso "*Governo dos Vivos*"<sup>3</sup>, explorando o ponto da possibilidade do exercício da liberdade quando implicada uma relação de orientação, disciplinado, ou enfim esclarecimento, assim como sob quais circunstâncias seria possível o indivíduo alçar a si mesmo fora da menoridade por puro uso da razão, sozinho.

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – (UNESC). Mestrando em Direitos Humanos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - (UNESC), sendo Bolsista FAPESC. E-mail para contato: [alexdarosa@hotmail.com.br](mailto:alexdarosa@hotmail.com.br)

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs v.5*. São Paulo: editora 34, 2017b p. 230.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *Governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014a, p. 13-45.

Parece-me que nesse primeiro estrato temos dois nódulos: (a) ideia de lógica, razão e valores; (b) esclarecimento, tomada de consciência, saída da menoridade pelo uso da razão ou sob orientação. A esses problemas, duas críticas correspondentes racham a força desse pensamento, são linhas de fuga<sup>4</sup> que escapam ao estrato e vão lá agenciar-se junto a outras vindas escapes de outros agenciamentos diversos desses que estabeleço precariamente aqui.

Quando Foucault propõe, reorganiza o problema da loucura e o faz facetando a razão. A razão vai se constituir a partir de um isolamento de algumas formas de racionalidade e a torção sobre ela, dividindo a razão e a loucura<sup>5</sup>. Sabe-se também que o pensamento do francês é marcado pela influência nietzschiana, como bem visto, dentre outros escritos, em "Aulas Sobre a Vontade de Saber"<sup>6</sup> do francês.

Pautar a própria ideia de razão é flexionar também a verdade. Entender a verdade como a "faísca de duas espadas", lá onde Nietzsche retoma Spinoza, é tomar a verdade como disputa, entender a possibilidade de diversas verdades<sup>7</sup>. Abdicar a própria ideia de racionalidade e compreender os discursos como conflitos bem delimitados e circunscritos historicamente. Em textos marxistas, diriam que é uma questão de hegemonia e ideologia.

Nesse estrato temos as contribuições da psicanálise no abalo à consciência e à razão, assim como as contribuições marxista quanto à forma de sair da menoridade. A tática consiste em jogar as diversas formas de razão contra as estruturas da sociedade disciplinar: crítica à família, à escola, a própria razão, ao trabalho e ao capital, elementos que em geral constituíam (por força e violência) a verdade de maior força sempre a disputar e rivalizar com outras múltiplas. (Talvez até possamos chamar isso de hegemonia).

Chamar de estrato Nietzscheanismo contribuições do "freudo-marxismo"<sup>8</sup> do século XX pode parecer um tanto estranho, mas na verdade são linhas que junto ao pensamento Foucaultiano compõem um estrato, tangenciando-se, ora se cruzando, ora por detalhes tomando rumos opostos. Fato é que compõem a espessura característica disso que denominamos estrato.

---

4 DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs v.1*. São Paulo: editora 34, 2017a p. 25-50.

5 FOUCAULT, Michel. *A História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

6 FOUCAULT, Michel. *Aulas sobre a Vontade de Saber*. São Paulo: Martins Fontes, 2018, p. 3-29.

7 FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos X*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p. 138.

8 FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 38

De todo modo o abalo foi forte. Insurreições, rebeliões, greves, golpes, guerras: estratégias. Do marxismo, a crítica à ideologia (razão) e o agenciamento de coletividades a partir da consciência e posterior luta de classe, tomada do estado. Dos *foucaultinos*, nada. Sem preposições, mas sim análises históricas muito bem delimitadas. Numa das entrevistas, lembro como o autor via a sua obra não como politização dos temas abordados, mas como, ao abordar os temas, a política foi deles se avizinando, os fagocitando. Igualmente, numa das poucas previsões futuristas do autor, com um que de jocosidade, disse que o século XXI seria deleuziano<sup>9</sup>, não se concretizou. Foucault não propunha modelos, esquemas, mas sempre insistentemente tratou das práticas de liberdade e morreu pensando se seríamos capazes de outras formas de existência.

Vejam, estou o tempo todo naquela primeira questão: é possível um agenciamento de coletividades que não recorra a um princípio unificador? Até agora o que fiz foi pensar muito grosseiramente três formas de razão, ou melhor, duas. O primeiro estrato às portas de modernidade com o iluminismo como crítica; no segundo, uma sociedade industrial/disciplinar com as críticas marxistas e foucaultianas como crítica, críticas à razão, críticas à sociedade.

O terceiro estrato é próprio à contemporaneidade. Primeiro falarei sobre a forma de razão, em seguida sobre as críticas e alternativas. A base do diagnóstico: Sloterdijk "Crítica da Razão Cínica"<sup>10</sup>, Foucault "A Coragem da Verdade"<sup>11</sup> e Vladimir Safatle "Cinismo e Falência da Crítica"<sup>12</sup>

O título da obra de Safatle dá o tom do pensar. O que o autor propõe, no contexto que estou discutindo, é pensar o presente como se fosse nulo, como se nos anulássemos. Se pensarmos acompanhando os estratos, a indagação vem: após matarmos deus, abandonarmos a metafísica, a transcendência, compreendermos a inexistência da Verdade absoluta, de quebrarmos o primado do Eu e da consciência, de sabermos que somos explorados pelos detentores dos meios de produção, o que fazemos?<sup>13</sup>

É como se a verdade perdesse o seu potencial revolucionário. Não só pela consciência das formas de verdades plurais (e de fato hoje vivemos fortes disputas discursivas) e a impossibilidade

---

9 DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 2013, p. 115.

10 SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. 1 ed. Editora Estação Liberdade, 2012.

11 FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Martins Fontes, 2011.

12 SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

13 Idem. p. 30-64.

do uno, mas também porque já sabemos. Ao estudar os cínicos, Safatle revisita autores e o próprio movimento filosófico, questionando os limites da potência cínica.

Tradicionalmente retratados pela figura de Diógenes, pela recusa às convenções sociais, pela crueza da verdade, ou pela *parrésia* num regime democrático (digamos, algo até um tanto Kantiniano, mas que também pode ser retomado nas idealizações democráticas de Arendt), os cínicos são apresentados idilicamente como representação da potência da verdade em romper, rasgar, ou noutros termos, de iluminar, de conscientizar, retirar da alienação ideológica.

Porém, se Sloterdijk bem reconheceu a razão contemporânea como cínica, demonstrando como pode a palavra assumir hoje o significado tido correntemente como “dissimulação”<sup>14</sup>, Foucault também apontou a impossibilidade de pensar “dois” movimentos cínicos, um “originário” e puro enquanto outro deturpado.<sup>15</sup>

Assumir a razão contemporânea como cínica é dizer que já sabemos e não fazemos nada sobre. O movimento cínico, que num primeiro momento soa como alternativa pela sua relação com a verdade, contém também fundamentalmente uma relação de inoperosidade. Não produz, não propõe, apenas denuncia, não organiza. A razão cínica denuncia as convenções sociais, as contradições, mas e...?

O terceiro estrato enfrenta esse problema. Acaso não sabíamos nós, brasileiros, das características de Bolsonaro? Acaso ele porventura mentiu em algum momento? Seu colega, Sérgio Moro, acaso desconhece as hipóteses de suspeição de um juiz? Acaso não atuava politicamente inclusive quando disse não ter interesse em atuar na política? Apenas a razão cínica é capaz de comportar esse paradoxo, esses dois sistemas de pensamento presentes em si, como representam bem aqueles que dizem “direitos humanos para humanos direitos”.

Igualmente, nós sabemos. O estrato nitezchiano encontra seu limite: um trabalho inacabado, válido, mas que foi captado. Chamam isso de neoliberalismo. A liberdade que conquistamos é como no filme “A Vida de Truman”, ou seja, nossos desejos só foram rearticulados, os limites expandidos, os sistemas de controle aperfeiçoados, não mais disciplinares

---

<sup>14</sup> SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. 1 ed. Editora Estação Liberdade, 2012, p. 317.

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Martins Fontes, 2011, p. 175.

(não só), vivemos a ilusão da liberdade e obrigação do gozo como imperativo que anula o gozo, autoexploração.

Que alternativas temos? Ou melhor, dentro do estrato cínico, quais críticas temos e quais são as alternativas possíveis? Em geral temos três linhas, uma mais sociológica estrutural, tomando o racismo, gênero, classe, cárcere, ou melhor, como Angela Davis<sup>16</sup> propõe: interação entre os elementos enquanto estruturais, interseccionalidade. Apesar de colocar classe como pertencente à linha estrutural, também podemos assumir por ela mesma toda uma linha alternativa, que igualmente pode se comunicar com a terceira partição. Classe como chave para outras formas de sociedade estatais, ou mesmo não estatais, nas ideias do “comum”.

As ideias do comum ficam entre a segunda e terceira linha. Simbolicamente, as obras de Negri e Hardt<sup>17,18</sup> do início da última década foram marcos, principalmente porque tentam de alguma maneira estabelecer um diálogo entre os marxistas e os foucaultianos. Assim como Safatle, recebem as críticas do século XX e modificam suas teorias, levando principalmente em conta as contribuições do “pós-estruturalismo”, como vulgarmente é denominado.

Vejam. Colocando nesses termos, é como se tivéssemos um significativo campo de críticas, de alternativas a atual forma de vida e maneira de viver. Embora disputem entre si certa hegemonia dentro do campo crítico, por que não estamos conseguindo fazer frente? Ao contrário, por que a modernidade tem se caracterizado por um refluxo ao século XX e ascensão novamente de movimentos fascistas? Conservadores?

Isso nos faz pensar se não deveríamos voltar ao estrato nietzschiano. E inclusive é o que temos feito, enquanto esquerda. Tanto as linhas mais voltadas à perspectiva foucaultiana quanto à marxista. Temos insistido em estratégias e críticas que não pertencem ao atual sistema de razão, já são captadas por ele, o sistema funciona inclusive por e com esses elementos em conta.

Isso porque esse estrato recorre a princípios unificadores como forma de agenciar coletividades. Sejam as estratégias estruturais, a de consciência de classe, ou predicados relativos à

---

<sup>16</sup>DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016, p.15

<sup>17</sup>HARDT, Michael, *Multidão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

<sup>18</sup>HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

liberdade individual de escolha (exemplificação da sociedade do controle <sup>19</sup>Deleuziana em jogo), ou enfim, sob o rol de progressistas face aos conservadores.

Há um tempo pensava junto a Spinoza: por que o ódio é afeto forte capaz de mobilizar o fascismo e o amor não? Sei que é indagação inocente. O ódio é princípio unificador porque permite organizar bem grupos contra outros, trabalha expandindo seu coletivo sob o julgo da diferença escolhida. Vejam, aqui estamos tratando de afetos e desejos.

A questão fica: para responder ao conservadorismo e fascismo atual, que devemos propor? Críticas a essas instituições e a ideia de razão? Estabelecer valores éticos? Isso já foi feito. O problema fica em como pensar o agenciamento de coletividades *sem* recorrer a princípios unificadores, sejam eles morais, éticos, racionais, (primeiro estrato) ou também estruturais, seja pelas pautas escolhidas ou por sua organização em instituições e grupos.

Talvez esse seja por fim o ponto. Toda mudança só vem de uma organização coletiva, mas como organizar alguma coletividade sem recorrer a um princípio? Porque esse princípio funcionaria como uma espécie de moral ou até mesmo lei, o que rejeito. Ao mesmo tempo, as liberdades pensadas assim, nessa radicalidade, são até então incapazes de nos organizar e incapazes de promover qualquer mudança.

## REFERÊNCIAS:

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs v.1*. São Paulo: editora 34, 2017a.

\_\_\_\_\_, *Mil Platôs v.5*. São Paulo: editora 34, 2017b.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_, *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_, *Governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

\_\_\_\_\_, *Ditos e Escritos X*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

---

<sup>19</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 2013, p. 223.

\_\_\_\_\_, *A História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_, *Aulas sobre a Vontade de Saber*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

\_\_\_\_\_, *Multidão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. 1 ed. Editora Estação Liberdade, 2012.